

A MULHER E O TRABALHO

Alpheus Manghezi

Nas entrevistas colhidas nas várias comunidades rurais das províncias de Gaza, Maputo e Inhambane, as mulheres dessas regiões recordaram com um misto de orgulho, amargura e desabafo as experiências vividas durante o domínio colonial. Experiências de triste memória ligadas ao trabalho migratório, às culturas de algodão que despiam cada vez mais o homem e as terras moçambicanas; das machambas e plantações de arroz que disseminavam cada vez mais a fome por toda a parte; do trabalho assalariado que consagrava a miséria crescente; da palmatória e do imposto de palhota, dos sipaios, régulos e administradores que se esforçavam por impedir a nossa luta contra o medo de viver na nossa terra e conquistar a liberdade para saciar a miséria, a fome, a nudez e plantar a felicidade real.

MIGRAÇÃO E CHIBALO

Oselina Marindzi — Já com os seus cinquenta anos de existência, vive na recém-construída aldeia comunal de Ximbonweni, distrito de Guijá, na província de Gaza.

PERGUNTA — **Eu gostaria que nos contasse um pouco do que se passou consigo, em casa, durante o tempo em que o seu marido esteve nas minas da África do Sul.**

RESPOSTA — Posso contar-vos algo acerca das minhas mágoas: sofri um grande desgosto quando o meu marido se viu obrigado a ir para a África do Sul por medo do chibalo.

O que aconteceu nessa época era o seguinte: O meu marido podia voltar das minas para passar as suas férias e no dia seguinte ser detido, pela polícia colonial, para ser conduzido ao chibalo e mesmo considerando que ele era um trabalhador com documentos para o provar. Por causa disso, na primeira ocasião que ele teve foi às minas e nunca mais voltou. Fiquei sozinha e fui forçada a cultivar o algodão de modo a pagar o imposto de palhota, porque desde esse momento o meu marido nunca me enviou nenhum dinheiro para isso. Os supervisores, tais como Albino Mabunda, podiam bater-nos enquanto trabalhávamos. Alegavam que éramos agitadores. Mas nós não éramos nada desse tipo, e quando reclamávamos era, apenas, porque nos sentíamos cansados e fartos de trabalhar sob coacção e produzir algodão do qual não obtínhamos benefícios nenhuns. Eu mesma fui punida pelo simples facto do meu marido me ter abandonado a mim e aos meus filhos, mas ele fugiu por temer o chibalo.

— Quantas vezes o seu marido foi punido pelo chibalo?

— Várias vezes, e da última vez levaram-no para Xinavane (Inkomati Sugar Estates). Eu tinha o hábito de percorrer os cerca de duzentos quilómetros para levar-lhe alguns alimentos porque temia que ele pudesse morrer de fome na plantação. Foi quando ele esteve em Xinavane que desertou para as minas da África do Sul, foi na altura em que ele se escapou pelo melhor.

— Quando é que ele regressou a casa?

— Ele regressou a casa apenas quando já era muito velho porque sabia que com aquela idade não o poderiam compelir para o chibalo.

— O que faz agora o seu marido?

— Ele está aqui em casa e «planta tabaco na Inhaca» (expressão local que quer dizer impotente, inútil).

— Lembra-se de quantos anos ele esteve nas minas após a sua deserção?

— Não me lembro mas ele esteve muitos anos fora.

— Quantos filhos teve com ele antes de fugir?

— Nós tivemos duas crianças antes de ele deixar-me. Essas cresceram, casaram-se e tiveram os seus filhos antes do meu marido regressar a casa.

Maria Nqavane, de trinta e quatro anos de idade, vive na mesma comunidade que Oselina Marindzi. Enquanto rapariga pastoreava o gado do seu pai. Orgulhava-se pelo facto de ser pastora e participar em todos os jogos da rapaziada, e que eram tabus para as meninas. Ela aprendeu como montar novilhos; como tocar vários instrumentos que os rapazes faziam para eles tais como **xigovia** e **musengele**; conduzia bicicleta que o seu marido comprara com o salário das minas. Mas, depois do seu casamento, Maria caiu num dilema quando o seu marido partiu para as minas.

— Visto ter crescido pastoreando gado e ter participado em vários jogos que eram considerados tabus para as mulheres, não lhe foi difícil encontrar um marido?

— Muitos homens não se queriam casar comigo porque pensavam que eu não sabia moer ou triturar o cereal. Mas surgiu um jovem que «teve pena de mim» e propôs-me casamento. Esse homem embora pensasse que eu não seria capaz de moer o cereal ou cozinhar, reparou que eu era do sexo feminino e casamo-nos.

— Era mesmo verdade que não sabia moer ou cozinhar?

— Eu sabia tudo o que uma mulher devia saber. Eu não tinha só que cuidar do gado mas tinha de fazer todos os outros trabalhos domésticos.

— O que sucedeu depois do seu casamento?

— Eu gostaria de contar-lhe algo acerca dos nossos sofrimentos sob o regime colonial. Não possuo uma experiência pessoal relacionada com o cultivo forçado do algodão porque eu era ainda muito pequena quando se cultivava nesta área.

Quando o meu marido partiu para Lourenço Marques, hoje Maputo, logo após o meu regresso a casa depois de o ver partir, eu fui imediatamente detida e levada para casa do régulo onde me foi dito que o meu marido não tinha pago o imposto há dois anos e que pois por isso eu devia trabalhar gratuitamente nas machambas do régulo. Eles diziam-me que o meu marido não pagava imposto há dois anos e que eu devia trabalhar em casa do régulo até a dívida ser saldada. Houve muitas mulheres

que foram detidas comigo. Quando chegámos a casa do régulo fomos divididas em dois grupos, e você era colocada neste ou naquele grupo de acordo com a aparência pessoal, quer dizer se eras atraente ou não. Todas as mulheres bonitas eram postas a trabalhar à volta da casa enquanto que o resto era enviado para trabalhar nos campos. À volta da casa do régulo nós preparávamos refeições, lavávamos a roupa de toda a família, varriamos e conservávamos o pátio limpo. O trabalho à volta da casa, tal como o dos campos, era supervisionado pelos polícias do régulo e estes perseguiam-nos, humilhando-nos, exigindo relações sexuais. Quando o régulo se encontrava em casa ele fazia naturalmente a primeira escolha no grupo de mulheres em chibalo. Se recusasses «cooperar» com o régulo, no dia seguinte estarias entre o grupo que tinha sido designado para trabalhar nos campos, onde por vezes a situação era pior. Isso não me servia. Eu não estava preparada para que fosse diariamente objecto de abusos e humilhações. Fugi e encontrei trabalho assalariado numa machamba de colonos da região onde me era pago sete escudos e cinquenta centavos por dia. Enquanto trabalhava aqui eu tentava mandar dinheiro para pagar o débito do imposto. Escrevi uma carta ao meu marido para explicar-lhe a situação em que me achava. Eu pensava que ele havia de mandar dinheiro para casa.

— **Como se chamava o régulo?**

— Nós vivíamos na regedoria de Hlomani, mas o homem que era, na altura, chamava-se Khondlani.

— **Por quanto tempo trabalhou em casa do régulo antes de fugir?**

— Trabalhei apenas duas semanas.

— **Tinha querelas pessoais com o régulo?**

— Sim, eu tinha querelas pessoais com o régulo.

— **Como fugiu?**

— Fugi e nunca mais me apresentei ao trabalho. O régulo enviou alguém para perguntar à minha sogra porque eu tinha deixado de trabalhar e ela respondeu-lhes que eu tinha largado para encontrar um trabalho pago de modo a pagar imediatamente o imposto de palhota que nós devíamos ao governo.

— **Depois disso deixou-a em paz?**

— Um dos indunas do régulo queria levar o assunto para a frente. Trouxe-me de volta para a casa do régulo para completar o meu chibalo, mas o régulo mostrou-se retraído porque não se atrevia a interferir com os empregados do machambeiro branco.

— **Se não tivesse fugido, por quanto tempo teria de trabalhar para o régulo?**

— Não te davam nenhum cartão com o qual pudesses registar os dias que trabalhaste. Eles retinham-te e faziam-te sofrer até que escrevesse uma carta ao teu marido para te conceder a fiança para a tua libertação.

Protestos contra a fome cantámos;
 Ressentimentos contra a exploração e opressão
 Cantámos. Cantámos no chibalo nas estradas, nas
 machambas, nas plantações, nos serviços públicos
 cantámos em conjunto.

Oselinda Marindzi — Devido a estes sofrimentos, eu tinha o hábito de ir para casa, após os trabalhos de campo, e pensava com desespero naquilo que me iria suceder. Livre da minha desolação, eu costumava cantar a seguinte canção enquanto moía o grão:

PARA ONDE DEVO IR?

Por onde devo ir?
 Como posso lá chegar
 Meu marido está sofrendo, oh pobre de mim
 Meu marido fugiu há longo tempo,
 Oh pobre de mim!

Como posso lá chegar?
 O Inkomati está a transbordar
 Os rios estão a transbordar
 O Limpopo está a transbordar
 Como posso lá chegar?

Por onde devo ir
 Como posso lá chegar
 Tenho o coração destroçado e amargurado
 Oh pobre de mim
 Como posso lá chegar?

— **O que quer dizer quando diz: «Por onde devo ir; como posso lá chegar?»**

— Estou a falar dos meus sofrimentos porque eu não tinha meios para me escapar desta intolerável situação. O meu marido abandonou-me e não me enviava dinheiro nenhum para subsistir e não podia regressar a casa dos meus parentes porque estava atada pelo lobolo que foi pago por mim. Então eu fui obrigada a permanecer aqui e sofrer.

— **Não podia ir para as minas juntar-se ao seu marido porque o Incomáti estava a transbordar e atrás de si o Limpopo estava também a transbordar: estava entre os dois rios?**

— Não havia escapatória possível para mim.

A maior parte do sistema de transportes foi construído e mantido através do chibalo no Moçambique colonial. Homens e mulheres trabalharam lado a lado na abertura e manutenção de estradas e caminhos de ferro.

Madalena Mandlazi, residente na aldeia comunal de Nyampungwani, em Guijá, província de Gaza, fala-nos, nesta entrevista, da sua experiência pessoal.

— **Participou na construção da estrada de Guijá?**

— O meu marido encontrava-se ausente na África do Sul, quando a polícia colonial veio a minha casa prender-me, juntamente com outras mulheres e nós fomos levadas a abrir uma nova estrada. Tudo era um bosque cerrado que nós fomos obrigadas a limpar e eles fizeram isso simplesmente porque os nossos maridos estavam ausentes nas minas. Este era um trabalho muito difícil mas trabalhei até o meu marido ser capaz de me enviar dinheiro com o qual pagaria o imposto de palhota, foi então que compreendi.

— **Quanto é que o seu marido devia de imposto?**

— Ele não pagava a sua taxa há um ano.

— **Por quanto tempo trabalhou nas estradas antes do seu marido enviar o dinheiro?**

— Eu trabalhei dois meses antes do dinheiro chegar.

— **Em que estrada é que trabalhou?**

— Foi naquela estrada, ali aquela estrada pavimentada.

— **A estrada Guijá-Chibuto?**

— Sim, sim, e depois da queda das chuvas o capataz branco levava o seu carro e conduzia-o sobre a superfície fazendo buracos. Ele fazia isso porque não era a mulher dele que tinha de encher esses buracos.

— **Que instrumentos utilizavam para fazer esses trabalhos?**

— Usávamos enxadas de cabo curto e carregávamos a areia em cestos à cabeça o que arruinava os nossos cabelos. O nosso cabelo tornava-se cada vez mais curto enquanto que o da mulher do homem branco crescia até aos ombros. Os nossos olhos cheios de poeira ficavam avermelhados. Esse branco nunca olhava para o seu relógio e éramos sempre obrigados a trabalhar fora das horas.

— **De qualquer modo vocês podiam lutar?**

— Nunca poderias responder por receio de ser punido. O branco podia gritar «Hei, tu aí, Maria, filha da puta, queres levar porrada agora?» Os colonos chamavam-nos nomes mas nós tínhamos medo de responder.

— **Enquanto trabalhavam cantavam canções?**

— O quê? Julga que ali não tínhamos necessidade de ter boas canções?

HOMEM BRANCO: PAGUE-ME E DEIXE-ME PARTIR

Homem branco pague-me e deixe-me partir

Eu quero parar e ir para casa

Pague-me, tenho medo de fugir

CORO: Trabalha, não fujas

O que devo fazer homem branco?

Trabalha não lamentos

Hei homem branco trabalho sem receber

Eu quero parar e ir para a casa

Estou cansado homem branco

CORO: Trabalha, não fujas

O sol está a queimar-me homem branco

Eu quero parar e ir para a casa

Meu marido trabalha (igualmente)

Eu quero parar e ir para a casa

Eu trabalho sem receber filho da puta

CORO: Trabalha, não fujas

TRABALHO ASSALARIADO

Xinavane. A Incomati Sugar Estates foi fundada em mais ou menos 1913/14 como propriedade de plantação britânica. Após a sua fundação viu-se confrontada com a forte competição de mão-de-obra movida pelos gigantes recrutadores, tais como a WENELA e os Caminhos de Ferro de Moçambique. A sua política de recrutamento tinha por base o engajamento de trabalhadores voluntários e forçados. Informações colhidas no terreno, em 1981, sugerem que talvez devido à «falta crónica de homens durante o colonialismo», a companhia teve de iniciar o recrutamento de mulheres desde 1940, de acordo com as palavras de Pedro Muchayi, ex-empregado da companhia entrevistado em Magude. Eram principalmente viúvas, divorciadas e mulheres que desertaram para Xinavane em número crescente nos anos cinquenta. Algumas dessas mulheres traziam as suas criancinhas com elas e eram cuidadas por velhas parentes que também vinham com elas. Foi também nos anos cinquenta, de acordo com Muchayi, que a companhia iniciou o emprego de raparigas adolescentes que vinham de longe à procura de emprego da sua preferência.

Alda Mulungo, de cerca de cinquenta anos de idade, relata-nos a sua experiência pessoal de trabalho em Xinavane, onde trabalhou diversos anos.

Alda Mulungo — Depois de me casar trabalhei na machamba do senhor João Monteiro onde crescia o arroz.

— O arroz que crescia era para vender?

— O arroz era para vender e parte dele era vendido nos próprios armazéns. Ele empregava ambos, adultos e crianças, e nós, as crianças, éramos assalariados especialmente para espantar os pássaros e mantê-los longe dos bagos de arroz. Às vezes adormecíamos quando fazia muito calor e a punição por isto, que constituíam pequenas negligências no exercício, eram fustigações a cana, ou o desconto do salário por dia. Nesta machamba não havia trabalho chibalo.

— **Eram obrigados a despender o vosso salário na sua própria loja, desde a abertura do armazém do senhor Monteiro, todos os meses?**

— Os nossos salários não eram pagos em moeda. No fim mês nós íamos às lojas onde éramos convidadas a adquirir qualquer peça de vestuário, que era equivalente ao que nós tínhamos recebido naquele mês. Pagavam-nos dois escudos e cinquenta centavos por dia; o salário foi aumentado.

— **Por quanto tempo trabalhou para o senhor Monteiro?**

— Não me lembro, mas não foi por muito tempo. Depois de abandonar o Monteiro eu fiquei em casa até contrair casamento. O meu marido morreu e deixou-me com duas criancinhas para cuidar e foi por isso que eu decidi ir a Xinavane para procurar trabalho. Isso foi em 1950. Deixei as minhas crianças ao cuidado da minha mãe.

— **Que tipo de trabalho lhe ofereceram aquando da sua primeira ida lá?**

— Eu era sachadora.

— **Havia muitas outras mulheres empregadas quando lá foste pela primeira vez?**

— Havia muitas mulheres quando eu lá estive. Vinham de Inhambane, Vilanculos, Xai-Xai, Inharrime, Zavala, Macia, Magude e Mapulangene.

— **Havia acomodações aceitáveis para mulheres nos campos da plantação?**

— Havia dormitórios para mulheres que vinham de muito longe e nós dormíamos quatro a oito mulheres em cada dormitório, fazíamos as nossas camas e a companhia abastecia-nos de alimentos. As mulheres que vinham das áreas vizinhas regressavam às suas próprias casas ao anoitecer. Algumas mulheres que vinham de lugares distantes dos campos arranjavam de vez em quando acomodação entre parentes ou amigos que viviam nas vizinhanças porque elas não gostavam da atmosfera hostil da plantação.

— **Forneciam-vos roupa para o trabalho?**

— Nós fazíamos a nossa roupa de trabalho com sacos.

— **Quanto é que recebiam?**

— Quando fui pela primeira vez eu recebia cinco escudos por dia, depois dez escudos, depois disso quinze escudos por dia; obtínhamos todos os anos um aumento.

— Que outras tarefas eram designadas às mulheres para além de sachar?

— No tempo em que nos pagavam cinco escudos por dia o trabalho das mulheres confinava-se à sacha. Com o aumento de salários algumas mulheres foram seleccionadas e deram-lhes a tarefa de cortar e carregar a cana que era do domínio do homem. Foi neste ponto e nesse tempo em que as mulheres foram providas de um par de artigos pela primeira vez, como vestuário de trabalho.

— Houve algum tipo de discussão com as mulheres antes de eles entregarem esses artigos?

— Naqueles tempos os «bosses» nunca reuniam com os trabalhadores. A única vez que fomos convocados a uma reunião foi quando os chefes decidiram aumentar o salário de quinze escudos por dia para vinte escudos por dia. Este assunto fez com que os trabalhadores duvidassem, porque não era comum obter um aumento salarial sem ser os trabalhadores a exigí-lo. Esta oferta foi, por isso, rejeitada pelos trabalhadores que, por sua vez, exigiam um alto aumento. Nós exigíamos um aumento de cento e cinquenta escudos por dia. A isto os patrões responderam: «Se a companhia fosse pagar-vos, que tipo de salário julgam que os operários de máquinas e escriturários deviam exigir, por sua vez?» E nós respondemos: «Quem são, no vosso pensar, que são mais valiosos para a companhia? Aqueles de nós que labutam duramente nos campos ou os escriturários?» Mas nessa altura a situação tornou-se deveras militante porque nós continuamos a pressionar por um aumento salarial. Com as nossas enxadas erguidas, nós fomos ameaçadas para prevenir o povo para continuar o seu trabalho. Os «bosses» tentavam quebrar a situação de tensão pedindo-nos o adiamento da reunião para o próximo dia para lhes permitir tempo de repensar, e apelavam que todos regressassem ao trabalho, mas nós recusámos regressar ao trabalho, pedindo para saber quando viriam as respostas às nossas reivindicações. Os «bosses» prometeram voltar com a resposta no dia seguinte, mas nós recusámos voltar ao trabalho; nesse dia fomos aos nossos abrigos como alternativa. Quando os «bosses» reapareceram na tarde do terceiro dia traziam a oferta de

sessenta escudos por dia, mais outros cinco escudos por dia como bônus do Natal. Este aumento foi aceite pelos trabalhadores sem ulteriores discussões.

— Como foi possível aos trabalhadores que sendo apresentados com um aumento salarial sem nenhuma consulta prévia, foram capazes de dar uma resposta unânime aos patrões?

— Haviam sete compondes diferentes na plantação, mas não sei se tinha havido rumores acerca da iminente oferta de aumento salarial e, por consequência, pode ter havido algumas reuniões clandestinas antes da oferta ser feita.

— Quem foram os que expuseram as vossas aspirações aos patrões durante as conversações?

— Foram os capatazes que mantiveram a maior parte das conversações. Nós atacámos todos aqueles que tentavam regressar ao trabalho enquanto decorriam as negociações. Isto foi obra de mulheres com as suas enxadas.

— Você era uma das mulheres?

— Eu chefieei o ataque contra o guarda-portão quando este último tentou deixar passar um condutor de camião através dele.

— Estavam todos os homens nesse dia?

— Estavam todos os homens, mas escolheram-se mulheres para dirigir as trabalhadoras.

— Quando deixou de trabalhar em Xinavane?

— Eu deixei de trabalhar em Xinavane dois dias depois, devido a problemas de saúde. O trabalho da plantação era terrivelmente pesado para mim. O corte, a carga, destruíam-nos mas as mulheres podiam escolher por si ou o corte, ou a carga, porque o salário aí era maior.

Homens e mulheres partilhavam a mesma luta contra os patrões, mas quando se tratava de dinheiro para pagar mais às mulheres, essa solidariedade quebrava-se. Pedro Muchayi relata-nos uma das greves que presenciou enquanto trabalhador da irrigação e da manutenção dos canais de irrigação em Xinavane. Esses trabalhos eram inicialmente feitos apenas por homens. O pagamento nestas secções era inicialmente de

quinientos escudos por mês. Quando as mulheres, mais tarde, foram colocadas nestes trabalhos da plantação, os homens opuseram-se ao emprego de mulheres nestas secções da plantação, e decidiram fazer greve, quando viram que as suas reivindicações estavam a ser ignoradas. As autoridades, para quebrar a greve, pediram a todos os dirigentes da greve para se reunirem e informarem um a um as causas da sua oposição ao emprego de mulheres na secção de irrigação da plantação. Ninguém ousou desafiar, e a greve acabou. Daí em diante homens e mulheres partilhavam o trabalho de irrigação por um salário igual. Este trabalho era também feito à noite, usando lanternas potentes. As mulheres participavam nisso também, recebendo um extra de trinta escudos (mosquito money) di-
nheiro perigoso.